



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos do Descobrimento do Brasil – 440 anos da União das Coroas Ibéricas – 270 anos do Tratado de Madri – 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II – 150 anos do final da Guerra do Paraguai – 90 anos da Revolução de 1930 – 75 anos da vitória da FEB na Itália
ANO 2020 JUNHO Nº 349

O CERCO DE VIENA PELOS TURCOS OTOMANOS EM 1683

Luiz Ernani Caminha Giorgis(*)

Em julho de 1683 os turcos comandados pelo Imperador otomano Mehmet IV chegaram aos arredores de Viena, capital do Império Habsburgo. Partindo de Adrianópolis (hoje Edirne, noroeste da Turquia), o objetivo dos muçulmanos era atingir esse objetivo final (Viena) e conquistar a Europa através de um desencadear de quedas de reinos e impérios europeus. E assim, impor sua cultura e religião ao continente europeu, ou seja, aquilo que se chama de "invasão vertical". A invasão horizontal já estava em andamento.

Mehemet encarregou o seu Vizir Merzifonlu Kara Mustafá Paça dessa conquista e lhe passou o comando das tropas, que chegavam a 500 mil homens. Mustafá, proclamando vitória, declarou que "todos os cristãos obedeceriam aos otomanos" e que ele "guardaria os seus cavalos em Viena". Pura arrogância, que não tardaria a ser derrotada.

As forças dos Habsburgos não chegavam a 40 mil homens e sua única atitude era optar pelo retardamento, e assim foi feito. O Imperador Leopoldo I, do Sacro Império Romano Germânico (Habsburgo) afastou-se da cidade e confiou sua defesa ao seu cunhado Carlos - Duque de Lorena. A defesa da área urbana ficou sob o encargo do General Ernst von Starhemberg, que contava com 15 mil homens somente.

Kara Mustafa optou, erradamente, por propor a rendição, impondo condições. E aguardou, perdendo tempo precioso com isso. Suas propostas foram recusadas. E assim, o otomano começou a instalar minas, canhões, bloqueios e planejar o bombardeamento da urbe. Tomaram as muralhas externas e estabeleceram pontos fortes na periferia, de onde pensavam desfechar o assalto final. Nesta altura, os 15 mil homens de Starhemberg estavam reduzidos à metade.

Mas, atendendo ao apelo de Viena o rei polonês Jan Sobieski, percorrendo 350 Km em 15 dias à frente de seus 25 mil soldados, chegou à capital austríaca. Verificou, com agradável surpresa, que podia contar com tropas da Saxônia, da Baviera e de outros trinta reinos prussianos, também recém chegados, sob as súplicas (e o pagamento) do Papa Inocêncio XI. Os ocidentais estavam reagindo à altura.

Sobieski assumiu o comando geral da tropa (76 mil homens) e destacou frações para os montes Kahlenberg, que cercam a capital. No dia 12 de setembro, quando os otomanos se preparavam para o assalto, foram atacados por tropas a pé e pelas cargas da cavalaria polonesa sob o comando direto de Sobieski. As baixas turcas foram de 10 mil homens e muitos combatentes simplesmente fugiram desbaratados. A arrogância havia caído. Kara Mustafa não conseguiu obter a reação dos seus guerreiros e fugiu, não sem antes mandar executar todo o seu harém, escravos cristãos e animais. Ao chegar derrotado à presença de Mehmet IV foi imediatamente estrangulado.

Jan Sobieski, vitorioso, declarou o seguinte: "Nós viemos, nós vimos, Deus conquistou". Mas ele prosseguiu, desbaratando o noroeste da Hungria da presença turca. Outras vitórias contra os muçulmanos se seguiram, muitas delas conduzidas pelo príncipe Eugênio de Sabóia, também herói da salvação de Viena, que reconquistou a parte restante da Hungria. A Polônia retomou territórios e a Rússia tomou o porto de Azov sobre o Mar Negro.

O Tratado de Karlowitz (1699) selou a decadência do Império Otomano, mas ele ainda se manteve por 218 anos, até o fim da 1ª Guerra Mundial.

Depois de Viena, os otomanos nunca mais representaram uma ameaça à Europa cristã. E o Ocidente havia vencido mais uma vez, assim como em outras ocasiões no futuro.

(*) Cel Inf EM do EB, Presidente da AHIMTB/RS



UMA VISITA À LEGIÃO ESTRANGEIRA

Observações do Acervo "ETAPAS DA MINHA CAMINHADA" do Gen Alfredo Souto Malan.

Durante meu estágio na África do Norte, em 1948, enquanto metade da turma - a 61ª da Escola Superior de Guerra francesa -, embarcava em navio de guerra, a outra permanecia em Arzew, no Centro de Operações Anfíbias.

Logo de início, por não terem sido os oficiais estrangeiros convidados a embarcar, o major turco Fuzil Gunes e eu, então tenente-coronel, fizemos um circuito pelas guarnições do exército na Argélia, indo de Oran, onde pousamos em vôo direto de Paris, imediatamente a Tlemcen, e depois Argel, Constantine e Philippeville, com rápida incursão à Biskra, na entrada do Saara, e entre a primeira e segunda localidades citadas, à Sidi-Bel-Abbés, "berço da Legião".

Chegamos a Sidi-Bel-Abbés numa manhã ensolarada e revimos, entre outros locais, o "Café du Brésil", onde na ida para Tlemcem, almoçamos um sanduiche de mortadela regado por uma cerveja.

A sede da Legião me lembrou o antigo quartel da "Quartinha", no Realengo. Prédio extenso, mas térreo e, se bem me lembro, pintado de amarelo ocre. Aliás, a cidade como as demais que conheci na Argélia, tem muitos traços arquitetônicos que lembram nossas cidades do interior.

No “Portão das Armas” da Legião, aguardava-nos um oficial do Estado-Maior da corporação, o Cel Daigny, que nos acompanharia durante nossa permanência, e a guarda formada. Saltamos do carro e trocamos cumprimentos, nós oficiais e, logo a seguir recebemos o cumprimento da guarda. Esta, composta de um graduado e mais uns seis soldados, perfilada na parte interna do quartel, com a nossa aproximação apresentou armas como já fazia a sentinela de quarto e, antes que pela guarda passássemos, seu comandante deu um passo em frente e se apresentou individualmente, como o fizeram a seguir, também individualmente, seus comandados.

O quadro, tanto quanto posso me lembrar, era deveras pitoresco. Todos os componentes da guarda de uniforme de gala, curiosidade logo depois explicada, todos sem dragona de um dos ombros. O nosso acompanhante nos esclareceu aquilo era uma tradição: num determinado combate, o comandante de um pelotão teria perdido a dragona por um golpe de espada de um adversário e todo pelotão resolveu, para que o chefe não fosse o único desuniformizado, pinchar longe a dragona do mesmo ombro.

Correspondida a continência da guarda prosseguimos até o gabinete do Coronel Comandante que nos esperava.

Através de pátios de canteiros floridos, percorremos as instalações da sede da Legião. Nela passamos o dia todo e parte do seguinte, sempre curiosos a nos informarmos quanto às peculiaridades daquela famosa corporação envolvida em muitas lendas divulgadas, mas também carregando volumoso histórico recheado de verdades que parecem lendas.

Visitamos o museu da Legião, o “Musèe du Souvenir”, casa com um pequeno jardim à frente que mais parecia a moradia de uma família de classe média baixa. Logo no vestíbulo, um quadro de isopor no qual destacava a policromia das bandeiras dos países fornecedores de legionários à França. Entre elas a brasileira.

Nas salas do museu, entre outras curiosidades de móveis e outros artigos de madeira feitos a canivete por legionários usando achas de lenha quando presos, quadros pintados por outros legionários e, dominando tudo, centro das atenções, a mão articulada de madeira do capitão Danjou, celebrado e inesquecível comandante dos sessenta heróis de Camerone, no México, mortos com ele em 30 de abril de 1863, data anualmente comemorada. Ao sairmos, Daigny nos levou até o muro lateral do jardim onde, como nos nossos atuais cemitérios superlotados, havia placas de mármore com nomes de legionários gravados, inclusive o de um norte-americano que vira atendido seu desejo de, depois de morto, vir a ocupar um lugar na Legião.

Ao longo do nosso percurso no qual foram mostrados os trabalhos dos próprios legionários tais como uma piscina em acabamento, e as diversas oficinas desde a impressora à de marmorista.

Passamos também à área de instrução. E nela fui informado, após indagação, que passam todos os voluntários que a Legião recebe, muitos antigos militares de outros países, todos precisando homogeneização.

Uma coisa puxando a outra vim a saber que o novo legionário é admitido nos postos de alistamento, existentes na França e na Argélia, dando um nome, uma nacionalidade e uma idade; com esses dados, sua foto e sinais característicos, inclusive impressão digital, sua ficha é remetida à polícia francesa que desaconselha a incorporação de assassinos tão somente, mantendo o compromisso, quanto aos demais marginais identificados, de esquecer que, um dia a Legião lhe solicitara informações.

O engajamento é feito por cinco anos na base de “Honneur et Fidelité”, substituindo o lema das forças armadas francesas “Honneur et Patrie”.

- Se desertam? Como não, me responde Daigny. Mas nós não temos interesse em recapturá-los. Presos, sofrem uma punição normal. Agora, esclarece ele, os melhores legionários são aqueles que, tendo desertado, espontaneamente voltam à Legião.

No fim de cinco anos, tendo lutado ou não, adquirem a cidadania francesa: “Par le sang versé”(pelo sangue derramado), ou que tiveram prontos para derramar.

Voltemos à área de instrução. Num galpão, um jovem sargento legionário, de mecha loura caída entre os olhos, ministrava instrução de comunicações dispondo de um aparelho rádio e, ao redor dele, os instruendos. À nossa entrada, apresentou-se o instrutor e informou sobre a instrução que estava ministrando. Autorizado, prosseguiu e nós por alguns momentos assistimos. Na saída inquiri Daigny:

- Este sargento é alemão, não é? Pela pronúncia carregada não podia haver dúvida.

- É disse ele, e este caso é do meu conhecimento – era capitão da Luftwaffe.

- Mas como, exclamei eu, um inimigo de ontem que deve ter matado muitos franceses... Ele tranquilamente me declarou:

- Sim, mas o fez porque era seu dever. Ele defendia sua Pátria. E, ademais, nós não fomos buscá-lo, ele veio de moto próprio para servir à França incorporando-se à legião e usou uma expressão que corresponde à que hoje usamos: “Tudo bem”.

Num alojamento em que entramos, outro sargento, num sotaque germânico carregado ensinava uma canção militar, Guardo no ouvido até hoje, passados tantos anos, o estribilho: “Ce sont les soldats du (e num tom gutural) prrremier étrrranger cavalrrrie...”.

Após o almoço demoramo-nos em conversa no pátio principal onde se destacava um monumento: um mapa-múndi representado por uma esfera de bronze, de cerca de um metro de diâmetro, no qual eram destacadas em ouro as regiões da terra onde a legião combatera, da África do Norte à Indochina, do México à Espanha. Assentada essa esfera numa base quadrada e, em cada canto, em uniformes históricos diferentes, quatro legionários, “montando guarda ao mundo”.

Parece estranho, mas esses homens lutam também na Europa. Há apenas uma ressalva: os que declaram oriundos de um país adversário têm o direito de contra ele não combater; estes ficam, ou melhor, ficavam, empenhados em trabalhos, como o fazem nossos batalhões de engenharia de construção, abrindo estradas, construindo açudes ou canais de irrigação, na região colonial.

Antes do “rancho” do jantar, creio que por deferência aos ilustres visitantes, o Gunes e eu, a banda de música da Legião lançava aos ares seus dobrados. Os legionários, aguardando o toque que os faria entrar em forma para vencer a etapa, se derramavam pelo pátio em pequenos grupos a pé, sentados e mesmo deitados no chão.

Após algumas marchas napoleônicas, de cadência lenta e que os conduz nos desfiles, inclusive no 14 de julho, o Cel Daigny chamou o mestre da banda e lhe fez uma recomendação que logo comunicou.

- Determinei que, em seguida a este dobrado, toque a Marcha da Legião.

- Repare na atitude dos homens. O reflexo funcionou. Ao irromper a marcha, imediatamente todos tomaram a posição de sentido, naquela exagerada, arrogante e simpática atitude bem francesa, peito saliente, queixo recolhido, maxilares contraídos e

braços rigidamente mantidos na vertical. Com os olhos, num movimento giratório, observei: todos estavam imóveis com o olhar fixo no infinito.

- Acontece, me disse Daigny, é que só raramente essa marcha é ouvida: quando partimos para a luta ou, quando voltamos dela, voltamos normalmente vitoriosos, mas sempre com o efetivo reduzido. Esquecidos de seus hinos nacionais, este é que lhes serve de denominador musical comum para rememorar episódios dolorosamente curtidos e para armazenar novas energias que os leve ao correto cumprimento do juramento de se dedicar à França, através da Legião, com honra e fidelidade

À noite, durante o jantar que o comandante nos ofereceu no cassino, com comparecimento das senhoras dos oficiais, fomos docemente embalados por um quarteto que tocava no fundo da sala. Alguém me disse que o violinista era um legionário belga premiado por um famoso instituto de música de seu país.

Inúmeros são os casos ouvidos que confirmam a riqueza da tradição legionária, desde o boné branco - “Le képi blanc”- aliás nome de um periódico editado pelos legionários, boné que é conseguido pelos recrutas lavando seguidamente a capa do boné de brim cáqui e esfregando-a com força para que, desbotada, pareça pertencer a uma “velha praça”; à tiragem da sorte do “porrista de dia”; passando pelo lenço cobre-nuca que, segundo me afirmaram, nunca foi peça do uniforme da Legião.

O “porrista de dia” merece destaque. Contam que nas campanhas em que eram empenhados, à noite, no rancho do jantar, além de cheia a marmita com comida, era hábito - como o é até hoje para o soldado francês - receber a ração de “pinard” (o vinho indispensável e componente da etapa).

Foi sendo verificado que sempre existia um legionário por companhia que se embriagava. A sorte tirada entre eles o indicava para beber o total das quotas de vinho que lhe vinham no cantil. Para evitar maiores aborrecimentos o oficial de serviço passou a obrigar o legionário a tomar sua quota de vinho em sua presença. O legionário embriagado continuava a dar trabalho e só cessou quando todos os legionários passaram a escancarar a goela, na frente do oficial, depois de tomado o gole de vinho, fazendo “Haaa” que demonstrasse não o ter conservado na boca. Tinham descoberto que cada um, ao sair da frente do oficial, ia despejar o seu gole, aquecido entre a língua e o céu da boca, no recipiente do porrista sorteado.

A Legião Estrangeira, hoje com sede em Aubagne, na França, com unidades espalhadas, “de guarda ao mundo”, na Córsega, na Guiana, e em ilhas do Pacífico, continua com a mesma tradição; nela se inscrevem os guerreiros profissionais - muitos dos quais posteriormente mercenários a serviço de novos países independentes da África - os desiludidos, os que desejam ser esquecidos, pelo menos por algum tempo - inclusive franceses e os que pitorescamente se qualificam de “cocus d’amour”.

São muitos os casos de contingentes inteiros de oficiais pertencentes a um exército, que para continuarem juntos, incorporados se apresentam à legião. É famoso o caso de diversos oficiais russos que depois do desaparecimento do Exército Branco de Wrangel, se incorporaram à Legião, declarando, além dos dados essenciais, suas funções no mesmo Estado-Maior: após adjuntos e chefes de seção, o chefe do Estado-Maior e, como cerra-fila, o próprio general comandante da Grande Unidade.

Sistematicamente o maior contingente, informaram-me, tem sido de alemães. Houve época, durante a febre hitlerista, em que passou a ser espanhol.

Fato que achei curioso, perguntado por mim foi dito que apesar de não haver nenhuma restrição, não era hábito ter a Legião negros ou de raça amarela.

E para terminar, um fato vivido dias depois de minha passagem por Side-Bel-Abbés.

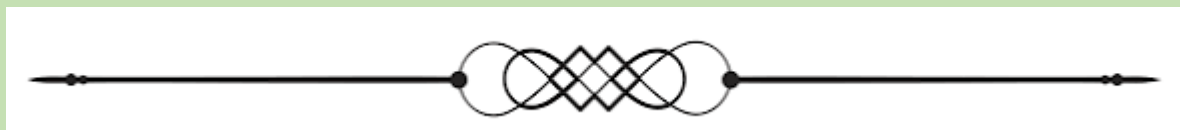
Na guarnição de Philippeville, após ter acompanhado durante a madrugada de um determinado dia, o preenchimento do requisito de três saltos de paraquedas para considerar passíveis de embarcar como paraquedistas para a Indochina, unidades inteiras, e de uma jornada estafante, fui jantar com o então Cel Noiret, depois elevado ao generalato.

Em conversa com o anfitrião estranhei a calma do ambiente no avião, na eminência do salto. Disse ao coronel que tinha presenciado outros treinamentos como aquele, inclusive nos Estados Unidos, e que me tinha chamado atenção o ambiente de euforia artificial provocado imediatamente antes do salto para descontrair os paraquedistas.

O famoso e simpático chefe, depois de ouvir, disse pausadamente:

- É, mas no caso em foco, trata-se de legionários, homens que não precisam de nenhum incentivo; assinaram espontaneamente um contrato de risco que muitas vezes, eles o sabem, os leva à morte...

Alfredo Souto Malan, Paris, 1948.



AINDA SOBRE O DIA D – TEXTO DO Cel BOITEUX

O DIA D – 06 DE JUNHO DE 1944 – OPERAÇÃO OVERLORD - A SORTE DA GUERRA DECIDIDA NAS PRAIAS DA NORMANDIA

NYLSON REIS BOITEUX

Coronel Reformado do Exército Nacional.

Diplomado pela Escola de Comando e Estado-Maior.

OK. **Let's Go! (Tudo bem. Vamos em frente!)** Com estas palavras, o General Dwight Eisenhower, no seu Q.G., instalado na cidade de Portsmouth na Inglaterra desencadeou, aos 16 min do dia 06 de junho de 1944, a Operação Overlord que seria um ataque em massa contra a Europa ocupada pelos alemães a partir da Normandia, na França, com os objetivos de libertar este país e apressar o fim da II GM.

O desembarque Aliado nas praias da Normandia foi a maior e mais decisiva ação militar de toda história moderna. O Comando-Supremo esteve a cargo do General norte-americano Dwight Eisenhower. O General britânico Montgomery chefiou o ataque principal.

Nunca um contingente militar numeroso de 165.000 homens, havia sido transportado e desembarcado em tão curto espaço de tempo e com tal quantidade de material bélico. No total, participaram dessa ofensiva 6.843 embarcações das quais 4.500 foram usadas somente no desembarque e 14.000 aviões.

O Dia D representou um dos momentos decisivos da II GM apressando o fim do Exército Alemão considerado até então, invencível. Apesar das baixas em combate terem sido consideráveis entre os Aliados, essa operação foi a maior e mais eficaz da história das Guerras. Ao mesmo tempo em que Tropas Inglesas norte americanas,

e canadenses invadiam a Normandia, os Soviéticos entravam na Prússia Oriental e conquistavam a Polônia e a Silésia. O desembarque na Normandia acelerou também o cerco do Exército Alemão derrotado definitivamente, quase um ano depois, em maio de 1945, quando Berlim caiu nas mãos do Exército vermelho.

A movimentação para o DIA D

No dia 6 de junho, depois de uma longa expectativa e de espera, a maior concentração militar de todos os tempos começou a se mover de diferentes portos no litoral inglês para a margem oposta do Canal da Mancha. Os alemães esperavam por esse dia, mas eles estavam desorientados e confusos graças ao esplêndido trabalho executado pelos serviços secretos britânicos de desinformação, decodificação e mutilação, como se diz hoje "Fake News".

Quando o Comandante Supremo das Operações o Gen Dwight Eisenhower resolveu ordenar a movimentação das Unidades de Vanguarda, ele estava na verdade seguindo uma orientação fundamental dada pelos seis meteorologistas da Marinha Britânica que previram a melhora do tempo entre os dias 5 e 6, depois de um longo período de chuva, nebulosidades e ventos fortes nas duas costas Inglaterra e França. Ainda que não fosse o tempo ideal – pois os ventos persistiam no sentido nordeste do lado francês – esperar por uma outra ocasião requereria talvez mais duas ou três semanas. Seria muito difícil manter o moral dos soldados elevado com tanta demora.

A vitória dos meteorologistas ingleses

Os alemães foram habilmente iludidos não só no campo de batalha como também no confronto da tecnologia eletrônica. Apenas 18 das 92 estações de Radar que possuíam em junho de 1944 estavam funcionando normalmente no momento da invasão. As demais foram neutralizadas pelo equipamento de interferência eletrônica usado pelos aliados ou destruídas pelos bombardeios, mas os Aliados foram suficientemente espertos por deixarem a salvo os radares localizados na cidade de Calais, a fim de que ali fossem recebidas ou captadas as "mensagens enganosas" que reforçaram a crença dos alemães de que o ataque dos Aliados seria desfechado naquele ponto. **Os procedimentos acima relatados particularmente tecnológicos,** encontraram os alemães despreparados. Eles acreditavam que o tempo no Canal da Mancha, impediria a ação dos Aliados. Em apenas 48 horas, os Aliados romperam caminho ao longo da Muralha do Atlântico assentando assim as bases para o avanço em direção à Alemanha e, posteriormente, para a **VITÓRIA.**

BIBLIOGRAFIA:

- **"Dia D" – Brigadeiro Peter Young – Chefe do Departamento de Estudos de Guerra na Royal Military Academy em Sandhurst. (Inglaterra).**
- **Aspectos Logísticos da Guerra do Paraguai – Introdução. Pequena História da Logística (De Alexandre, O Grande, a Eisenhower) - Cel Ref Nylson Reis Boiteux.**

SOBRE O AUTOR:

- **NYLSON REIS BOITEUX, CORONEL REFORMADO DO EXÉRCITO-NACIONAL BRASILEIRO, DIPLOMADO PELA ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, MESTRE EM ARTE DA GUERRA, DOUTOR EM CONHECIMENTOS E ESTUDOS MILITARES.**

- **ENDEREÇO: RUA GAMELEIRA Nº 70, CARANDÁ BOSQUE II, CAMPO GRANDE – MS, CEP: 79 032 – 370, E-MAIL: mgracalb@hotmail.com, Campo Grande, MS 03 de junho de 2020.**

A Bandeira do Brasil Imperial do 39º Corpo de Voluntários da Pátria

Numa tarde de maio de 2018, encontrei o antigo aluno do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre, Jorge Ricardo Cardoso Leal, diácono e assistente do arquivo da Cúria Metropolitana. Na hora, disparou-me a mola da gaveta da memória e perguntei-lhe sobre a existência de uma Bandeira Imperial dos Voluntários da Pátria que, segundo comentários de meu saudoso pai, teria visto quando jovem, exposta junto ao Altar da Catedral de Porto Alegre. Com um sorriso tranquilo, disse-me ter visto alguma bandeira antiga e combinamos uma visita.

Em data acertada e tendo como guia o Diácono Ricardo Leal, fomos ao arquivo da Cúria; lá estavam a Bandeira Imperial e seu mastro, em suas vitrines.

Dupla emoção, a primeira por estar diante de um Pavilhão Auriverde que participara de inúmeras operações militares e batalhas na Guerra do Paraguai e, a segunda, por ter encontrado uma resposta à indagação de um estudioso da história do Rio Grande do Sul.



A Bandeira do 39º Corpo de Voluntários da Pátria exposta na vitrine (Foto do autor)

Para conhecer um pouco da história dessa bandeira e daqueles que combateram sob sua inspiração, compulsamos alguns nomes, datas, locais e eventos nos volumes da coleção "Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai", de autoria do General Paulo de Queiroz Duarte, publicados pela Biblioteca do Exército.

O Corpo de Voluntários, organizado em Porto Alegre em 1865, foi composto por voluntários e por um efetivo destacado do Corpo Policial da Província, com dois oficiais, o Tenente Inácio Joaquim de Camargo e o Alferes Valêncio Moreira da Silva, e mais 60 praças.



Detalhes da "ponteira" e do mastro da bandeira do 39º CVP (Fotos do autor)

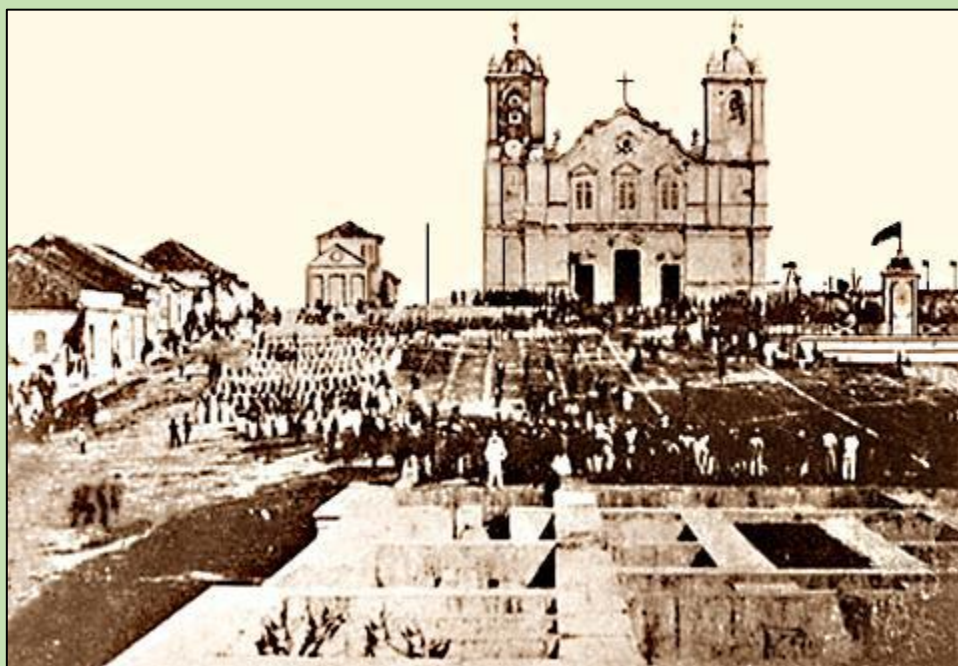
O Major José de Oliveira Bueno, em 14 de julho de 1865, foi nomeado pelo Presidente da Província seu 1º Comandante e a 28 de julho, o Corpo de Voluntários formou para prestar honras a D Pedro II, na passagem do Imperador por Porto Alegre, com destino à Vila de Uruguaiiana.



Na página anterior, o Coronel José de Oliveira Bueno, como Major, que foi o 1º Comandante do Corpo de Voluntários da Pátria formado em Porto Alegre.

Fonte:

https://www.facebook.com/groups/militariabrasil/se-arch/?query=%20renato%20coutinho&epa=SEARCH_BOX
(Divulgado em 24 de maio de 2020).



Homenagem a Dom Pedro II, em 1865, na Igreja da Matriz em Porto Alegre

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Porto_Alegre

Em 24 de dezembro de 1865, o Corpo de Voluntários formado em Porto Alegre, com o efetivo de 27 oficiais e 449 praças partiu para incorporar-se ao Exército do General Osório.

No acampamento do Exército Imperial, na região de Lagoa Brava, em três de fevereiro de 1866, recebeu a designação de 9º Corpo de Voluntários da Pátria.

Durante o tempo em que esteve no território paraguaio participou de inúmeras ações e batalhas.

Em 1866 transpõe o rio Paraná, combate em Estero Bellaco, Tuyuti, onde seu Comandante foi ferido, e Punta Ñaró; e em novembro, na reorganização do Exército, recebe a designação de 39º Corpo de Voluntários da Pátria. No ano de 1867 realiza a marcha de flanco em direção a Tuiú-Cuê e combate em Puerto Guaiavi.

Em 1868 está nos reconhecimentos do Espinilho e à viva força de Humaitá, e no cerco na Península Acaiuasá. Na continuidade das operações, marcha de Pare-Cuê ao Piquiciri, combate na Ponte do Surubi, transpõe o Chaco, combate no Avaí e nas Lomas Valentinas, onde seus remanescentes são incluídos no 50º Corpo de Voluntários da Pátria, participando então, das ações contra Angustura.

A 5 de janeiro de 1869 chega em Assunção e segue para Cerro-Leon. No início da Campanha das Cordilheiras está na Base de Piraju, guarnecendo os pontos chaves; realiza os deslocamentos em apoio ao Exército Argentino, atingindo Taboti, Caraguataí, Rio Saladilo e Rio Hondo. A 22 agosto, por ordem do Conde d'Eu, retorna para Caraguataí, encerrando o apoio àquele exército aliado e segue para a Vila de Rosário. A oito de outubro, marcha para Capivari, passando em 13 pela Vila de Santo Estanislau e a 17 alcança o Ribeirão Cururu-Coró, onde acampa com o restante da tropa e é organizada uma base de operações dos destacamentos expedidos para o Norte, na direção de Curuguati, rota de retirada do Marechal Lopes.

No início de 1870, diante da pouca força apresentada pelo inimigo, é iniciada a redução dos efetivos em operações no Paraguai, sendo priorizado o retorno dos Voluntários da Pátria ao Brasil.

O 39º Corpo de Voluntários da Pátria, reativado com os filhos da Província do Rio Grande do Sul, em 15 de abril de 1870, recebeu em Humaitá, como seu Comandante o Tenente Coronel Genuíno Olímpio de Sampaio, o mesmo oficial que como Major, comandava o 9º Corpo de Voluntários da Pátria, em dezembro de 1866, por ocasião de sua transformação em 39º CVP.

A 26 de março de 1870, o 39º de Voluntários, com um efetivo de 46 oficiais e 414 praças, partiu de regresso para Porto Alegre a bordo do vapor Cuiabá, onde chegou em 28 de abril de 1870, sendo festivamente recebido.

Em 6 de junho de 1870, numa marcante solenidade, a Bandeira do 39º Corpo de Voluntários da Pátria foi depositada na Igreja Matriz de Porto Alegre.

No ano de 1970, o governador do Estado do Rio Grande do Sul concedeu a designação histórica de "Batalhão Voluntários da Pátria", ao atual 9º Batalhão de Polícia Militar, da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul. Com sede em Porto Alegre tem a responsabilidade da área central de cidade, abrangendo os principais órgãos públicos federais, estaduais e municipais.



Distintivo atual do 9º BMP da BMRGS

Fonte: https://www.google.com/search?q=9º+BPM&client=firefox-b-d&sxsrf=ALeKk01WwSBCHBONGPq7XBK-JZU9rzYTCHw:1591289205814&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiSneOezuipAhWU-JLkGHYePB54Q_AUoAnoECBcQBA&biw=1440&bih=758

Neste seis de junho de 2020, quando lembramos os 150 anos do depósito, da Bandeira Imperial do 39º Corpo de Voluntários da Pátria, antigo 9º CVP, na Catedral de Porto Alegre, reverenciamos à memória dos rio-grandenses que atenderam ao chamamento da Pátria em 1865, em especial, os dois oficiais e 60 praças do Corpo Policial da Província.

Velha Bandeira, desbotada pelas intempéries e fumo das batalhas, perfurada por projéteis, quantas histórias de sofrimento, desafios, medo, coragem, heroísmo, desprendimento, e xingamentos daqueles bravos, que para muitos foi a última visão lembrando a Pátria distante!

Honra e glórias aos caídos!!!!

Mário Luiz Rossi Machado
Coronel Reformado do Exército Brasileiro
Membro do IGHMB e Acadêmico da AHIMTB/RS



Acesse o novo texto do Cel Vogt "A Confiança" pelo www.escritorcfovgt.blogspot.com.br

X-X

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nec.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.